

Ensino — pesquisa como alternativa para a melhoria da qualidade na educação: Um projeto interdisciplinar de leitura¹

Carmen Maria Cipriani Pandini²

“Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as contempla - a própria criança penetra-as no momento da contemplação, como nuvem que se sacia com o esplendor colorido desse mundo pictórico.”

(Walter Benjamim)

Resumo: O presente artigo refere-se a um projeto pedagógico realizado na escola pública e apresenta algumas reflexões sobre leitura e prática escolar, caracterizando o ensino-pesquisa uma importante alternativa para a melhoria do trabalho docente.

Palavras-chave: pesquisa, leitura, projeto pedagógico.

Abstract: The present article mentions a carried through pedagogical design to it in the public school and presents some reflections on reading and practical pertaining to school, characterizing education searches an important alternative for the improvement of the quality of the teaching work.

Key-Words: searches, reading, pedagogical Work.

E preciso começar...

O presente artigo resulta de um *trabalho sobre leitura*³, desenvolvido sob a metodologia de projetos, da 2ª série do ensino fundamental de uma *escola pública*⁴ e se

¹ Este trabalho foi apresentado no II Seminário de Pesquisa em Educação realizado em Joinville no Programa de Mestrado da UDESC, na disciplina de Metodologia e Seminário da Pesquisa.

² Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Ensino aprendizagem da língua portuguesa e mestranda em Educação e Cultura da UDESC.

³ O Projeto em evidência inclui-se no espaço da interdisciplinariedade e foi elaborado para o Programa pedagógico do EEB Cecília Ax. no ano 1999. Seu principal propósito foi trabalhar a pesquisa e a prática da leitura - a promoção e a produção da leitura na escola: suas perspectivas, implicações e histórias Ao referido projeto estão incluídas, além da língua portuguesa e suas dimensões, as demais disciplinas do currículo. Este

constitui num referencial de pesquisa em educação, e tem como objetivo contrariar formalidades educacionais viciosas que reproduzem práticas desnecessárias em nome da melhoria da qualidade na educação.

Esta investigação pode ser vista como um espaço de configuração de possibilidades no campo das práticas pedagógicas, em que é possível pensar que os limites de uma ação qualitativa não estão na falta de escolas, tampouco na democratização do ensino, mas na incapacidade de se abrir ao novo e gerir, movimentos que articulem a união da teoria e prática aos saberes e sabores do ato de educar.

Neste sentido, o trabalho suscita o levantamento de alguns aspectos sobre o conhecimento produzido pela pesquisa, o posicionamento do educador frente à tarefa de investigação — seu compromisso político como instrumento mediador nos desafios do cotidiano escolar, e, especialmente caracterizar o ensino-pesquisa como possibilidade de melhoria na qualidade do trabalho docente.

Buscamos com o exercício da escrita, encontrar a realização final na leitura *apelando ao leitor para que faça o desvendamento que empreendi pela linguagem*⁵, partilhando boas experiências, porque as razões da criação referem-se a verdades parciais e dependem da liberdade e da invenção do leitor. Que estas suscitem confrontos, polêmicas, conflitos ou simplesmente nada, basta então, a relação com o texto; pois é na pluralidade que a leitura ordena e articula, mas são as apropriações que a torna “oportunista” e singular. Assim com base em Proust, aceitamos que *nossa sabedoria começa onde a do autor termina, embora gostaríamos que ele nos desse respostas, sabemos que ludo o que ele pode dar-nos são desejos*⁶. Somos construímos pelos desejos e necessidades, e é isto, basicamente que consiste o “estar-no-mundo”

Perante esses referenciais realizamos edificações e construímos os pilares do conhecimento, bem como as ressignificações do real vivido. É neste movimento que se constrói a narrativa do ser humano, que demanda a *priori* uma reflexão arguta acerca do objeto, para que a pesquisa encontre as motivações e as incorpore às atividades. As experiências do ofício, que refletem suas tendências mais profundas, cujo percurso é central e periférico, parte de um olhar minucioso, sensível e provocador; torna-se envolvente e vai além do campo visual, constitui-se de enfrentamentos e decisões e se lança ao problema, problematizando.

Entre o desconhecido, o percebido e o vivido

trabalho, com o título: “**Comunicação: da arte de escrever ao direito e prazer de ler**” foi agraciado pelo MEC, com o prêmio de incentivo à educação fundamental no ano de seu desenvolvimento.

⁴ A turma a que nos referimos aqui é a 2ª série do ensino fundamental, com 18 alunos e faz parte do quadro de discentes do Colégio Estadual de Educação Básica Cecília Ax, do município de Presidente Getúlio (SC).

⁵ Jean Paul SARTRE. O que literatura?, 1993 p:39

⁶ Marcel PROUST. Sobre a Leitura, 1991.p: 30

Para direcionar os olhares partimos do questionamento: O que se (re) produz na escola, e em que condições isto se faz? Quem é o educador? e o que caracteriza o trabalho educativo?

Para SAVIANÍ (1991), “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens”. Homens que também são os educadores, porém, profissionais que apresentam uma existência psico-social, construída com base em conceitos em que estão retratados os papéis que a sociedade projeta. Uma identidade dimensionada no contexto histórico-social, portanto, dinâmica e que se modifica conforme as necessidades individuais e coletivas.

Levando em conta essas premissas, o que se pretende na verdade, não é caracterizar a figura do professor, e sim *conversar* sobre o que ele *faz*. Entendê-lo e contextualizá-lo como ser — de contradições, complexidades, potencialidades, fragilidades, enfim, um educador⁷ que se faz no cotidiano - nas práticas e pelas práticas.

Desta forma, refletindo sobre a condição do ser humano, e entendendo-o como produto das circunstâncias e ambigüidades do processo histórico social, entende-se por conseguinte, que as atividades humanas e as maneiras de pensá-las também se constituem historicamente e para esse sujeito “*inseparável do mundo, para um sujeito que nada mais é do que um projeto do mundo que ele mesmo projeta*”⁸, influenciado por eventos sócio-políticos e econômicos adequados aos princípios individuais e ideológicos.

Assumindo portanto, luz das minhas inquietações de que a prática escolar deve se dar em função das necessidades e nas diferenças dos educandos e que precisa garantir acima de tudo um sentido, sugeri á turma o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, pois acredito que o processo de ensino é muito mais do que estabelecem os conteúdos dos programas curriculares da escola nasce da vontade e dos questionamentos das relações interpessoais e da apropriação dos valores constituídos nos critérios de valorização do homem e do desejo da criança. Vai de encontro a um sujeito de um tempo e de um espaço, de um passado e de um presente, que se move para a construção de um alicerce e se define por suas representações, necessidades interesses e condições sócio-econômicas. Para um sujeito sempre em busca de um *porvir constante, num ritmo cíclico*⁹, onde apesar de tudo “*aprender criticamente ainda é possível*” nos diz Freire, e extremamente necessário

Entretanto, sempre tive presente que tais condições “*implicam ou exigem presença de educadores e educandos criadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes*”¹⁰, mas criteriosos na programação de sua prática, para levá-la a efeito, produzindo inovação para o crescimento dos alunos, nas relações pessoais e no desenvolvimento de hábitos e atitudes.

⁷ Para Sartre este ser (que ao nosso olhar é o educador) é também o leitor - uma pessoa com suas paixões suas prevenções, suas simpatias, seu temperamento sexual, sua escala de valores; também um ser racional, livre e sensível. SARTRE. Jean Paul. O que é literatura?. 1993 p. 42.

⁸ Maurice MERLEAU-PONTY. Fenomenologia da Percepção. 1994. p.576

⁹ Maurice MERLEAU-PONTY A Fenomenologia da Percepção .1994 p:576

¹⁰ Paulo FREIRE. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 1997. p:138.

Como educadora logo no início dos trabalhos do ano letivo, teria constatado que era preciso organizar uma prática que estivesse de acordo com a finalidade do ato de ensinar: *é novamente pela leitura que encontro Paulo Freire, e numa de suas lições busco um princípio importante, “Ensino,, exige respeito dos saberes dos educandos”¹¹* Além de trazer implícita uma profundidade de sentidos, esta afirmação apresenta a qualidade essencial da educação e está diretamente ligada a postura pedagógica do professor em sala de aula. O que é pois ensinar, senão respeitar a realidade cultural e psico-social da criança ? Ou melhor, como poderemos fazer uma boa escola se não consideramos esse princípio pedagógico?

O trabalho de pesquisa, que se inicia com à inquietação e o levantamento do problema busca elementos para se completar: a intencionalidade e a finalidade prática permeiam a continuidade da investigação, que encontra na metodologia da pesquisa- ação¹² uma identificação perfeita.

Considerando que um trabalho de pesquisa, não é uma simples coleta de dados, que quantifica e classifica aprendizagens, o trabalho se desenvolveu num processo dialógico. O projeto justificava-se pautado em atividades de leitura, *“prática encarnada em gestos, espaços e hábitos”¹³*, portanto, muito mais exigente e significativa do que a que está convencionada à leitura do signo lingüístico. Neste momento, seria preciso fazer um trabalho que levasse em conta, também a *leitura do mundo*¹⁴, que o aluno traz para a escola — do aluno como realidade no mundo. Para tanto, a escola precisa preparar-se para receber a cultura dessa criança, que já não se desenvolve em função da cultura da família tão somente. E mister considerar que o mundo globalizado e a seqüência ordenada e desordenada de informações ajudam a criança a se construir na prática. Preparar-se para esperá-la é ter presente que existem muitos lugares, muitas crianças e muitas culturas - que nem sempre o lugar é feio e vazio, e que a felicidade ou tristeza permanecem o tempo todo. Há oscilações e disfarces que repousam na superfície desse espaço e as evidenciais adentram na escola, pela alma pela “mochila”.

Uma das perspectivas de existência está num texto de Walter Benjamin, que brinca com belas palavras para falar do impressionante mundo dos livros infantis, que eu “roubo” e me aproprio para falar do lugar da criança, do lugar possível,

“desse mundo permeável, adornado de cores, onde a cada passo as coisas mudam de lugar, e a criança é recebida como companheira. Fantasiada com todas as cores, que capta lendo e vendo, a criança entra meio mascarada e também participa dela.”¹⁵

¹¹ *ibid.* p:29

¹² A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa de característica qualitativa e pode ser definida com algumas palavras-chave A participação conjunta e a intervenção do pesquisador, caracteriza-se principalmente pela ação reflexão que possibilita um constante encontro e diálogo com os para a busca de alternativas para o encaminhamento de propostas e soluções, A pesquisa, ação foi a metodologia adotada neste processo.

¹³ Roger CHARTIER. A ordem dos livros 1991. p: 178

¹⁴ Paulo FREIRE Pedagogia da autonomia saberes necessários á prática pedagógica, 1997. p:29

¹⁵ Walter BENJAMIM. Reflexões: o brinquedo, a criança. a educação. p: 55

E o que acontece na escola? No primeiro dia de aula he tiram a máscara! e a privam de belas aventuras. Um equívoco que a escola, na sua centralidade organizacional e burocrática, em pleno século XXI, ainda não foi capaz de resolver. Muitas vezes, nós professores, escondemo-nos atrás das formalidades acadêmicas e nos tomamos incapazes de autorizar a criança a ser feliz, e mais, não nos permitimos compartilhar essa alegria.

Parece claro que a equipe de especialistas (psicólogos, supervisores, orientadores assistentes sociais) deveriam atender primeiro a escola, os professores, o coordenadores, secretários e a eles mesmo, para depois voltar às Suas salas e atender os alunos, se é que ainda haveria clientela.

A escola é uma instituição de caráter social, cuja função é atender as expectativas dos educandos e prepará-los para a vida, oferecer-lhes condições de adequadas de aprendizado e um ensino de qualidade e torná-lo capaz de lidar e dar forma ao conhecimento adquirido, ensiná-lo a pensar para que desenvolva a capacidade de fazer análise e síntese, de se expressar com segurança e de maneira adequada, escrever coerentemente, é enfim, levá-lo a pensar sobre o que aprendeu. É isso é o que o aluno espera. E quando ele pergunta, “onde eu vou usar esse conteúdo?” achamos que é o aluno que não sabe para onde quer ir.

A educação tem que ser um todo, não há dúvida que existem bons profissionais, que apreciam os sabores da educação, mas as instituições de ensino são precárias e não têm projetos próprios. Muito se fala, mas pouco se faz. Os Planos Políticos Pedagógicos dormem nas gavetas das secretarias, e a escola continua na marginalidade, com práticas que reproduzem o velho modelo do receituário, perdendo a grande oportunidade de iniciar sua emancipação pedagógica.

Os modernos recursos tecnológicos indispensáveis à sociedade de informação não chegam As escolas, tampouco os programas de educação continuada abrangem as necessidades da capacitação e aperfeiçoamento profissional, as bibliotecas são precárias, os prédios são um cenário desolador. Como é possível gostar de entrar numa escola assim. Muitas vezes o mundo “feio” de fora, é muito mais agradável do que o interior de uma escola pública. É obvio que a ordem econômica capitalista, e hoje neoliberal, satisfaz somente aos interesses de uma minoria privilegiada, no entanto, não podemos reforçá-la, devemos combatê-la.

Ocorre que essa “instituição carente” é chamada a dar conta de suas responsabilidades oferecer uma educação com as competências propostas e esperadas pela legislação, pelos programas de ensino e pela clientela, respectivamente, e com um discurso hipócrita de transformação, demonstra ser capaz de garantir o que se espera de uma boa instrução.

Esta crítica deve ser entendida como uma crítica de cunho emancipatório, e ultrapassar a crítica pela crítica. Na denúncia, temos a obrigação de formular um anúncio. O anúncio que deve mexer com as estruturas tradicionais, num movimento que pode levar a efeito a “reconstrução social pela escola”¹⁶

¹⁶ Luis Antonio da CUNEEA. Educação e desenvolvimento social no Brasil. 1978.p: 50

O que se pretende com esse texto é revelar o que apesar de tudo é possível produzir escola, mas por outro lado, torna-se um compromisso mostrar outras faces da escola para encorajar os educadores a pensarem e agirem coletivamente, planejando e buscando nos trabalhos de parceria, a pesquisa pois é ao “*abrir-se ao outro*”¹⁷, valorizando a construção do conjunto, a organização de uma estrutura autônoma (sem eximir o estado de sua responsabilidade) que teremos diferenciadas as práticas, das práticas competentes.

O fato de os alunos serem vistos como “recipientes vazios” em busca de conhecimento, já não tem sido mais aceito. Então há de se convir que certas práticas educativas têm sido hipócritas. Mudança de discurso, não necessariamente significa mudança de prática. A crítica de cunho emancipatório reside neste ponto: Como é possível efetivar uma mudança, se supostamente estas práticas são tidas como satisfatórias pelos sistemas oficiais de ensino? Já não estamos vivendo uma crise de democratização da oferta e acesso ao ensino; a crise está na *eficiência “eficácia e produtividade mais do que uma crise da quantidade, universalização e extensão*”¹⁸ o que caracteriza um quadro de advertência diante dos diagnósticos que se nos apresentam nos boletins oficiais e nas constatações *in loco*.

Creio que o problema é muito mais sério do que parece. Se temos escolas e alunos, se temos uma legislação correta e programas condizentes com a realidade, é evidente que o que falta é um bom gerenciamento, para promover uma mudança substantiva nas práticas pedagógicas, qualificando profissionais e montando estratégias para a implementação do currículo e avaliação do processo no seu funcionamento.

As repartições públicas que lidam com educação costumam manter bem visível uma epígrafe sobre a importância da escolarização. É comum encontrarmos o “educar é preciso”, no entanto, no que se refere ao “como educar”, não tenho visto frases prontas. Se fizermos disso o ponto central, talvez daremos sentido a algumas questões: O educador é o grande responsável pelo trabalho educativo, e pode contribuir para a composição de um novo quadro. Ele está diariamente com seus alunos e tem o poder do discurso. Este ato que aparentemente parece insignificante, pode tornar-se capaz de produzir um vínculo que ultrapasse a unilateralidade, provocando uma situação dialógica afetiva e de cumplicidade, ativando um mecanismo de resistência levando a novas oportunidades.

A tarefa exige muito mais do que “ser professor” exige um pesquisador - comprometimento político e um enfrentamento constante, um exercício e um aprendizado. Nas palavras de um pesquisador, podemos inserir tal renovação: praticar para realizar e realizar para aprender: Diz FREIRE (1994) “(...) *se é praticando que se aprende a nadar se é praticando que se aprende a trabalhar é praticando também que se aprende a ler e a escrever*”¹⁹, mas é praticando também que se aprende a fazer, e a pesquisar para fazer

¹⁷ Maurice MERLEAU-PONTY Fenomenologia da percepção. 1994, p:572

¹⁸ Segundo GENTILI, considerando a perspectiva neoliberal os sistemas educacionais enfrentam, hoje, uma profunda crise. porém trata-se fundamentalmente de uma crise de qualidade, diante da Improdutividade que caracteriza as práticas pedagógicas e a gestão administrativa da grande maioria dos estabelecimentos escolares, que produto. segundo esse enfoque, da expansão desordenada e “anárquica”, que o sistema educacional vem sofrendo nos últimos anos. O que resulta discriminação, exclusão, evasão, repetência e analfabetismo funcional. (1999 : 17)

¹⁹ Paulo FREIRE. A importância do ato de ler. 1994 p: 47

melhor, *Vamos praticar para aprender*. Praticar incluindo o espaço da *discursividade*²⁰ legítima, desvelando o percebido, o sentido e possibilidades de ação para avançar, mesmo dentro das condições e limitações que se impõem ao trabalho pedagógico nas escolas públicas em nosso país.

O mundo como superfície de pesquisa, e a leitura como sentido

A preocupação em desenvolver um trabalho envolvendo a leitura a escrita foi a de abranger e compreender as condições sociais de acesso e as condições de produção da leitura em nossa escola e em nosso município e abordá-la numa dimensão sócio-histórico-cultural, situando-a como instrumento capaz de inserir o educando num contexto social de possibilidades - de importância política, estabelecendo numa perspectiva de desafios, a base para o desvelamento dos aspectos ideológicos subjacentes aos livros e às práticas sociais no mundo.

Neste sentido a leitura é uma prática substancial, e embora ela ainda permaneça um mistério, segundo DARTON (1986), o “leitor é um investigador, e a faz todos os dias”, e podemos afirmar que talvez “*não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido*²¹” pois é uma aventura em busca do desconhecido, e isto requer sensibilidade, e propenso ao diálogo para compor uma ressignificação da descoberta à luz de nossas experiências de vida e de grupo, num “*mundo que se amplia na proporção da história coletiva e que a existência privada retorna e assume*²².”

O ensino pesquisa confronta práticas e atitudes, gestos e emoções. No que diz respeito a leitura e sua representatividade, digamos que estabelecemos uma bela aliança. A pesquisa-ação (que é a metodologia adotada neste trabalho), assim como a prática pedagógica e a prática da leitura, não possui uma forma pré-determinada vai se formando, ajustando-se e incorporando significados à medida que os dados são submetidos aos questionamentos e reflexões. Dos acordos firmados entre o “eu” pesquisador-leitor-educador e o contexto da ação é possível interagir no, mundo dos grupos e suas trajetórias.

As instituições de caráter social, ditas escolas, onde os alunos têm sido vistos com frequência, como aqueles que “não sabem” e o professor “transmite” conhecimento, necessita de pesquisadores entusiastas que saibam lidar com o inusitado, com o diferente anunciando as dimensões das novas perspectivas diferente numa permanente reflexo e produção. E para ir além da superficialidade cabe-nos fazer da melhor maneira possível o que nos propomos como educadores e profissionais e para isso “uma boa orientação para o

²⁰ Eni P. ORLANDI. A linguagem e seu funcionamento 1996, p:196

²¹ Marcel PROUST. Sobre a leitura. 1992, p:9

²² Maurice MERLEAU-PONTY, Fenomenologia da Percepção, 1994. p:572

estudo, passando curiosidades e hábitos da leitura crítica, é o melhor que o educando pode receber de seu educador²³”. Se o educador não for um obstinado, um bom leitor, se ele não investigar e não gostar de escrever não há método que façam com que os alunos gostem de pesquisar, ler, escrever, etc... É preciso educar também pelo exemplo!

E nos preceitos dessa educação grega **BERNARDO** (2000), em seu livro citado aqui, nos leva a questionar sobre o nosso papel diante dos discursos e dos atos na educação. Qual o verdadeiro papel do professor e qual é a melhor opção metodológica, ele nos desafia a refletir sobre a condição de ser professor, da postura e do nosso fazer, mas acima de tudo, aborda a importância do conteúdo da vida do aluno. O autor revela sua indignação com os poderes institucionalizados, que dominam e persuadem, formula uma crítica aos profissionais e a escola, e numa resposta simples e prática, e inspirado também nos princípios Kantianos que reza “age de tal modo que a máxima da tua ação possa servir de regra universal” sintetiza dizendo:

“se temos que orientar a ação (que é deveras exigente), só nos cabe fazer o melhor possível, pois só poderemos fazer bons alunos, se tivermos uma boa escola. O que ocorre muito nas escalas brasileiras, ele diz, é que mandamos a o aluno ler muito e lemos muito pouco. Mandamos o aluno escrever muito e escrevemos muito pouco. Exigimos como escola, que ele saiba o que cada um de nós, como professor não sabe. De modo mais ou menos consciente damos aulas de acordo com o salário que nos pagam —o que significa que damos aulas piores, ou faltamos muito mais vezes na escola pública (...) e adotamos a com frequência a postura lamentosa”²⁴.

Se o homem se faz nas práticas, é possível fazer uma relação possível com a educação e o homem, incluindo a visão Kantiana. Que o universal não seja referência básica, mas que o ensino, oxalá, se faça de muitas frentes, seja interdisciplinar e que idéias e concepções não sejam um entrave á educação, e sim um avanço.

Nestes imperativos, podemos buscar referenciais básicos para propor argumentações profissionais e pessoais com relação á prática pedagógica. No que se refere às formas ideais de ensino, não esperemos encontrá-las nos livros didáticos o “bom” ensino tampouco vai se fazer através exercícios de repetição, pela cópia, ou em técnicas de memorização talvez esteja rias “viagens” que, fazemos com nossas crianças, sem tirar os pés do chão, nas aventuras que convertemos em conteúdo, sem que ela perceba, é no encorajamento no erro, no encontro da verdade (que está andando) e em todos os momentos que antecedem o aprendizado.

Por isso, educar é muito mais do que depósito, deve contrapor-se aos modelos inspirados no capital. Trata-se de não ver a criança como se fosse um “banco de valores²⁵”, em que o investimento espera o rendimento, que geralmente é falsamente orçado.

²³ Ver a respeito em Gustavo BERNARDO. Educação pelo argumento, 2000.

²⁴ Gustavo BERNARDO, Educação pelo Argumento, 2000 p: 41

²⁵ fazendo alusão á educação bancária, referenciada em Freire.

A pesquisa deve ser uma interlocução entre homens/alunos, homens/simpatizantes, colegas e colaboradores, grupos (pequenos e grandes), unindo interesses e enriquecendo-se com contribuições de outras áreas. Assim, terá competência para operar mudanças, buscando soluções para os conflitos de natureza social. As contribuições de natureza teórica *apriori* não são fundamentais, porém valiosas á estruturação do projeto. A conciliação entre teoria e prática, adotando tais princípios, será uma consequência.

Emergindo nos “problemas”, na realidade da vida cotidiana, o que nos parece inatingível, pode não estar assim tão distante, encontrar o porquê das coisas, não necessita de pré-concepções de teorias complexas ou explicativas, necessita apenas de exercícios que reflitam uma postura crítica, humilde e “estratégica”. Todavia é preciso considerar que estas formas de atuação serão encontradas na ação coletiva, que deve estar orientada em função da resolução de problemas ou objetivos voltados á mudança de realidade. Nestas condições residem os princípios da verdadeira aprendizagem. Na construção e reconstrução dos saberes socialmente disponíveis, no rigor da ação dialética, educador e educandos são igualmente sujeitos.

A maneira de como o investigador organiza sua investigação, qualifica a pesquisa-ação. A qualidade do processo produz-se no comprometimento do pesquisador neste caso educador, na condução do projeto de pesquisa frente ás diversidades, fenômenos e situações, interferindo; porém, não tirando a autonomia do grupo, permitindo questionamentos e discussões constantes, preocupando-se em captar a realidade dialética do processo, pois “*a realidade é uma coisa muito diferente e muito mais rica do que aquilo que está codificado na lógica e no linguagem dos fatos*”²⁶. Está vinculada ás formas de interação, que é uma das *estratégias metodológicas*²⁷ da pesquisa-ação.

Os fatores que constituem a produção da leitura nas escolas passam pela capacidade do professor entender a importância do processo dialético na formação do indivíduo. A leitura está inserida neste contexto. Não é um *ato solitário*²⁸, é nas condições de produção, nas variáveis sócio-culturais que está a interação do leitor com os vários “mundos”, o universal e o particular; dos livros e dos outros; do presente, do passado e do futuro, e finalmente do real e do imaginário. no compromisso com os acontecimentos, que se aportam na realização, através dos sentidos, de objetivos mediatos e imediatos, cujo expressão é a cadência de significados.

Em vista do exposto, pressupomos á humanidade um processo - de existência histórica, e sócio-cultural, logo, dinâmica. Nesta dimensão, constituem-se as ressignificações e valores que vão além das “verdades” conteudísticas e unilaterais presentes nos instrumentos de veiculação de idéias. A leitura inclui-se neste movimento, pois está relacionada á subjetividade de cada leitor, que no desconhecido busca emoções e prazer. Realiza-se na magia da decodificação, onde, “*de repente as palavras vestem seus disfarces e num piscar de olhos estão envolvidas em batalhas, cenas de amor e brigas*”²⁹ e

²⁶ Marisa V. C. COSTA. A caminho de uma pesquisa-ação. 1991, p:47

²⁷ Michel THIOLENT. Metodologia da pesquisa-ação. 1996. p: 16

²⁸ Regina ZILBIRMANN. Leitura e perspectivas interdisciplinares, 1998, p: 18

²⁹ Walter BEIJAMIN. Reflexões: a criança. o brinquedo e a educação, 1984.p: 55

que o leitor, na sua sagacidade e perspicácia vai ressignificar. E, se “ler é sempre ler alguma coisa³⁰”, ler, também implica sempre um sentido, depende, portanto, dos modos, das condições e do objetivo que cada leitor busca no ato de ler.

Nesta compreensão, o tema “leitura”, objeto de trabalho pedagógico desenvolvido junto ao Colégio de Educação Básica Cecília AX, colocou-se numa posição de ampliação possibilidades para o aluno, e não como instrumento de mera decodificação. Neste sentido, ao entender a leitura como tal, amplia-se também o universo de sua interpretação, e a partir desses referências atribui-se os valores conquistados por seus estudiosos, que ao penetrar nos seus mistérios foram desvendando também um pouco da sua história.

Analisar o universo da leitura a partir das condições da estrutura social e nos critérios da não neutralidade na educação, retornamos á crítica: A escola cabe proporcionar espaços de desafio e prática, liberdade e criatividade, o gosto pela leitura; e o que é mais importante: deve oferecer condições de acesso! Livros, educação de qualidade, professores competentes, comprometidos! Esta preocupação é também do poeta Carlos Drummond de Andrade:

(...)
Deus que livre vocês de aceitarem
conhecimentos “prontos”
mediocrementemente embalados
nos livros didáticos descartáveis,
(...)
Eu queria uma escola (...)
Que lhes desse múltiplos meios de vocês
Expressarem cada sentimento,
Cada drama, cada emoção.
(...)
Ah! Antes que eu me esqueça:
Deus que livre vocês
De um professor incompetente!

Situemos a pesquisa neste momento literário: O professor competente de que fala Drummond é também o pesquisador competente: aquele que produz conhecimentos, adquire experiências, porém, sua preocupação deve estar em fazer avançar o processo, contribuindo para esclarecer e tentar resolver as angústias ou inquietações relativas ao fenômeno da pesquisa em questão. O pesquisador competente deve se nutrir de paixão, adotar a intencionalidade como princípio, mas a flexibilidade e a auto-crítica como parceiras.

É importante notar a presença e a perseverança da leitura. Todas as ações necessitam dela. Não há indicadores que mostrem pesquisa sem leitura. Nem leitura em pesquisa sem um olhar de avaliador. A avaliação e a auto-crítica necessitam de uma boa leitura, uma leitura da competência, da consciência. A propósito convém lembrar LUCKESI (1994), que diz ser “um ato subsidiário do processo, (...) ao crescimento, do crescimento, da construção de resultados satisfatórios” tendo em vista a realização de uma ação.

³⁰ Roger CHARTIER. A ordem dos livros. 1994, p: 14

Esta leitura é a leitura de que fala também Paulo Freire, nem tudo está nos códigos lingüísticos, é a capacidade de formar visão original; transcendente, cumprindo as exigências e os rigores da complexidade de educar, no sentido de não esvaziar a prática pedagógica reduzindo-a a mera transmissão de conteúdos,” *mediocrementemente enlatados em livros didáticos descartáveis*“, como afirma Drummond. Assim, toda a “*Prática precisa da avaliação como os peixes precisam da água e a lavoura da chuva*”³¹ o que a, prática ainda mais séria e consistente.

Na síntese do tempo, nem tudo permanece...

O projeto de leitura desenvolvido foi em busca das essências. Trabalhar a leitura como um *exercício de generosidade*³² e em todas as suas dimensões, exigiu além do compromisso, planejamento. Quando há um planejamento, metas definidas e interesses mútuos, os resultados são eficientes e satisfatórios. A própria falta de uma política de educação adequada reside na ausência de planejamento sério e num *continuum*, necessário ao processo educacional.

O ato de planejamento é um ato de importância política na medida que se estabelece uma intencionalidade, sendo assim, também não é neutro, nele vem embutidas as concepções filosóficas e ideológicas do seu autor. Retornamos a crítica: a educação pelo planejamento é instrumento de “uso” do educador e da escola, por isso a preocupação de Drummond, quando dedica o Poema “*A Sara, Raquel, Lia, e a todas as crianças*”³³ reflete e exterioriza porque são “homens” e não “objetos descartáveis” como poderão ser os livros. São as histórias que fazem histórias e deixam legados, com “inatos” desejos de liberdade, e predominância de sentimentos sobre os demais. Sob estes aspectos, poder-se-ia dizer que os parâmetros curriculares nacionais, por exemplo, nada interferem (embora filosoficamente bem fundamentados), sem a presença do educador. Esta é grande verdade!

O projeto de leitura foi planejado, e foi estruturando-se no caminhar, aproximou as crianças dos livros, sem tolher-lhes a liberdade de expressão e de escolha.

Liberdade! acredita-se ser esta mais uma palavra chave que deve nortear os trabalhos de prática da leitura. Se a educação do ser humano envolve dois fatores que são fundamentais: a formação e a informação, penso ainda, que deve ir além, formar e informar levando em consideração a paixão e a alegria que o nosso aluno nutre com muita originalidade. E preciso deixar com que o sujeito do processo educativo se forme e se informe com liberdade. Assim contribuiremos para eliminar o perverso e negro quadro das frustrações escolares; da cola, da repetência e da evasão, da profunda tristeza de não ter conseguido aprender e reverter o quadro da *avaliação/punição*³⁴ para avaliação/emancipação.

³¹ Paulo FREIRE. A importância do ato de ler. 1994. p: 84

³² Jean-Paul SARTRE. O que é Literatura? 1993. p:42

³³ Título do poema de Carlos Drummond de Andrade

³⁴ Maria Aparecida Lemos SILVA. Tese de Doutorado - PCRS, 1997.

A metodologia permitiu a flexibilidade exigida, no “como fazer”. A dinâmica do trabalho permitiu uma educação sem medo, sem cola, sem insegurança, pois o trabalho foi construído na cumplicidade da equipe, com autonomia e paixão, com a flexibilidade do agir correspondente com a flexibilidade da vida, dentro da crítica de que tudo é possível, desde que haja amor e troca. A pesquisa num compromisso com o ser deve levar a isto!

As intenções e as expectativas foram materializadas, através de registros gráficos, e “cristalizadas³⁵” a nível de consciência. Muitos e diversificados foram os trabalhos: Campanhas e empréstimo de livros, visitas e leituras na biblioteca, produção e releitura de obras, pesquisa, troca de informações e curiosidades, seminários e análises críticas da sociedade (fatos e fenômenos sociais), painéis, elaboração de biografias, entrevistas contextualizado os momentos históricos, análise da sociedade de informação (estímulos visuais e ideológicos), visita e integração dos pais e comunidade escolar, contato com meios diversificados de leitura e escrita, contextualização histórica da escrita e sua função social no desenvolvimento da humanidade, e mais, muito mais...

Neste sentido, ler é participar da construção do mundo. E esta construção só é possível se realizada entre grupos e homens. É na interação entre o homem e o mundo, entre o livro e o homem que se processa descobertas e se caminha para emancipação frente a crítica da informação.

A capacidade de ler as linhas, deve estar conjugada com a capacidade de ler nas entrelinhas do livro e do mundo. Pois a leitura também tem um compromisso político. Para THOLLENT (1986), “a relação entre conhecimento e ação existe tanto no campo da agir (ação social, política, jurídica, moral...) quanto no campo do fazer (ação técnica)”.

Neste processo de relações do saber e do fazer, é oportuno buscar nos arquivos de minhas “boas lembranças” uma consideração feita por uma aluna que participava do desenvolvimento do projeto. Numa das avaliações ela dizia:

“eu gosto dessa escola, porque a gente aprende um montão, pode, trazer muita coisa prá professora ver, a gente também pode levantar da carteira e perguntar o que a gente não sabe pro colega, e a professora nem briga³⁶”

e num *continuum* é momento de refletir novamente com Merleau-Ponty quando fala do sujeito “engajado”- uma atividade precisa ser engajada no mundo num “*movimento de existência*”, de vida do eu e do outro, numa relação de cumplicidade que impulsiona ao aprendizado, numa relação de *prazer de aprender e saber*³⁷, numa sintonia com o mundo, com o outro e com ele mesmo, a partir de uma *necessidade*³⁸. Pois a leitura, não é *somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo “, é a inscrição num espaço,*

³⁵ Cristalizadas no sentido de incorporadas e não como inflexíveis e estagnadas.

³⁶ depoimento de uma aluna da 2ª série, numa das avaliações parciais, feitas no decorrer do processo de desenvolvimento do projeto.

³⁷ Bernard CHARLOT. Relação com o saber. 2000, p: 16

³⁸ *ibid*, p:80

*relação consigo e com o outro*³⁹”, conduzindo no e para o tempo, numa transição possível de começo e recomeço, onde “*o futuro é um passado por vir e o passado um porvir acrescentando um porvir advindo*⁴⁰” só assim a teoria poderá alcançar a prática e quando o tempo fizer a síntese, muito ainda estará lá para contar a história.

E, para no concluir...

É preciso ter clareza que muito há por fazer ainda, para que se mude o quadro do “analfabetismo” no país. O analfabetismo de que falo no é somente do desconhecimento do código, é também do analfabetismo político e da falta de compromisso. Das pessoas que se alienam e não contribuem para a mudança do quadro de exclusão social em que nos encontramos. Neste caso a capacidade de ler não representa aperfeiçoamento; é privilégio.

E para o professor que ainda permanece na “mesmisse”, escondendo-se atrás do antigo ‘guarda-pó’ adiando que basta entrar na sala, abrir livro, indicar a página e “dar aulas”, diga-se que educar, é munir-se dos livros, sim, mas também impregnar-se de “gente”, de personalidade, significa perceber as possibilidades da vida; dessa vida de que fala Rubens Alves (1993), que faz “o professor ser capaz de acordar o seu aluno e fazê-lo sonhar novamente, porque tudo começa no sonho do conhecimento. O conhecimento é a resposta do sonho”. Este é o principal propósito do ato de ensinar, pois, o ensino e a pesquisa de cunho qualitativo estão impregnados de significado, de subjetividade, mas não perde de vista o rigor que a tarefa exige.

A formação de “bons leitores” é indispensável, é uma exigência social e política de máxima importância, nos lembra SILVA (1992), e instrumento indispensável à trajetória escolar e se conduzida adequadamente fará parte da vida fora dela, atendendo aos interesses do leitor, contribuindo na construção dos sentidos da sua existência. Foi esta a essência que emergiu do projeto de leitura desenvolvido no ensino fundamental, realizado com os colaboradores (alunos, colegas, pais, diretor, comunidade e professores) do grande projeto da vida: Aprender para transformar-se em *comunicação*: que vai “*arte de escrever ao direito e prazer de ler*”

Nada do que foi feito se encontra concluído, como se trata de um processo, continuamos caminhando, porque somos humanos, necessitamos de desafios, promovemos novos questionamentos, criamos e recriamos embalados pelo movimento do tempo e da história, e a cada novo dia descobrimos, num susto, que já não somos mais os mesmos de outrora. Isto é pesquisa, mas acima de tudo é ter certeza que tudo está em movimento e cada época tem sua cor.

A sua subjetividade, seu modo de “ler”, e seu entendimento com certeza será diferente, mas no menos importante do que o meu, do que o do outro. Temos histórias diferentes, questionamentos diferentes, mas não somos completos... Cabe a você, leitor, estruturar estas informações da melhor maneira possível para que encontrem aconchego e produzam um excelente alicerce no livro de sua história.

³⁹ Roger CHARTIER. A ordem do livros. 1994. p:16

⁴⁰ Maurice MERLEAU-PONTY Fenomenologia da Percepção 1994 p: 567

E como não é possível visualizar um projeto acabado quando se trata do ser humano, conluo o texto interrompendo a escrita, porque no silêncio do meu interior minha intuição me diz para não concluir.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Rubens Azevedo. Educação e prazer. Revista de Pontos. São Paulo: PrimaVera, 1993.

BERNARDO, Gustavo (org). Educação pelo Argumento. Rio de Janeiro : Rocco, 2000.

BENJAMIM, Walter. Reflexões a criança, o brinquedo, a educação. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus: 1984

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros, autores, bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. Estudos Avançados, São Paulo: IEA-USP, jan.Abr. 1991 ,nº. 1

COSTA, Vorraber C. Marisa, A Caminho de uma pesquisa-ação crítica. Educação e Realidade, Porto Alegre 16(2):47-52, jul/dez. 1991.

CUNHA, Luiz Antonio da. Educação e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora S.A. 1978.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam .29ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LUCKESI, C. Carlos. Avaliação do rendimento escolar. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDINA, Antônia da Silva. Algumas idéias sobre pesquisa-ação. Educação. Porto Alegre. ano XII, nº.17 p.93-103. 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento : As formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1996 .

PROUST, Marcel. Sobre a leitura. Trd. Carlos Vogt. Campinas. SP: Pontes, 2ªed. 1991.

SARTRE, Jean-Paul. O que é literatura ? Trad. Carlos Felipe Moises. São Paulo: Ática, 1993.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico- crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991.

SILVA, E. T da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para urna nova pedagogía da leitura. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA. Maria Aparecida Lemos. Avaliação do rendimento Escolar ou Punição? Desvelar da realidade na visão de professores de matemática bem- sucedidos na escola pública de 1º grau no município de Florianópolis/SC. (tese de doutorado em educação), Porto Alegre: PUCRS,1997.

SILVA. Tomaz Tadeu da.(org). Escola. S. A. Quem ganha e quem perde no mercado do neo-liberalismo. 2ºed. Brasília: CNTE, 1999.

THIOLLENT, Michel, Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo. Cortez, 1986.

ZILBERMANN. R. SILVA, E. T da (orgs). Leitura e perspectivas interdisciplinares. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

